

CAPÍTULO XXII

Trabalho Intelectual e Manual

NO PROCESSO de retomada do poder pela tecnoburocracia, o combate às idéias da Revolução Cultural naturalmente é essencial. Como não é politicamente interessante para o governo chinês repudiar Mao Tsé-tung, que afinal foi o grande herói da revolução chinesa, nem a própria Revolução Cultural, que teve o apoio, pelo menos formal, não apenas de Mao, mas também de muitos dos atuais dirigentes, é a Lin Piao e ao grupo dos quatro que são atribuídos todos os males e todos os erros, ou seja, todas as idéias da Revolução Cultural. Entre essas idéias, agora repudiadas, duas ainda merecem referências: o problema da distinção entre trabalho intelectual e manual e o da luta de classes.

A Revolução Cultural advogou e colocou em prática a supressão dos exames vestibulares para a universidade. Com isso se pretendia dar maior oportunidade aos filhos dos trabalhadores, já que nos exames os filhos dos intelectuais em sentido lato ou tecnoburocratas tinham uma óbvia vantagem. Além disso, durante seis meses as aulas foram suspensas na universidade a pedido dos estudantes. E todos os tecnoburocratas deviam passar cerca de dois anos trabalhando no campo para que conhecessem o trabalho manual e assim fossem sendo eliminadas as diferenças entre o trabalho intelectual e o trabalho manual.

Um dos pilares fundamentais das diferenças de classe em qualquer sociedade é a distinção entre o trabalho manual e o trabalho intelectual. Nas sociedades tecnoburocráticas, onde a propriedade privada dos meios

de produção foi eliminada, esta é a principal fonte das distinções de classe. Há uma classe de tecnoburocratas ou intelectuais e uma classe de trabalhadores manuais. A Revolução Cultural levantou-se contra essa distinção, mas depois de outubro de 1976 as reformas nesse sentido foram por terra. Os exames vestibulares foram restabelecidos, os estágios obrigatórios no campo, extintos. Desta forma, os tecnoburocratas sentem-se mais seguros de poder transferir para seus filhos a sua própria posição de classe. É certo que a supressão dos exames vestibulares implicou uma redução do nível de ensino na China. Os testemunhos que colhi a respeito são claros. E foi esse o argumento utilizado para o restabelecimento dos exames vestibulares. Se se desejam modernização, maior desenvolvimento científico, não há dúvida de que o aproveitamento dos filhos dos tecnoburocratas é, em princípio, a estratégia mais indicada, já que, em geral, estão mais preparados para o estudo de nível superior. Desde que, ao mesmo tempo, se mantenham abertas as vias de mobilidade social, de forma que a elite dirigente possa ser parcialmente renovada, teremos maior eficiência no ensino e na pesquisa científica. Da mesma forma, os estágios obrigatórios no campo foram eliminados, com o argumento de que se constituíam em desperdício de mão-de-obra qualificada. O argumento é novamente irrefutável de um ponto de vista modernizador. Mas não há dúvida também de quanto ao seu conteúdo de classe. A distinção entre o trabalho intelectual e o manual, com a valorização do primeiro, foi restabelecida na China. Também por este aspecto o modo ou produção tecnoburocrática prevalece sobre o socialista, em nome dos interesses de classes e do imperativo de modernização.

* * *

Durante toda esta análise estamos supondo sempre a existência de duas classes na China: a classe dominante dos tecnoburocratas e a classe dominada dos trabalhadores manuais, sejam eles operários ou camponeses. As instinções de remuneração, ainda que muito pequenas na China, permitem essa distinção. Os ordenados dos tecnoburocratas tendem a ser duas a três vezes superiores aos dos trabalhadores. Entre os maiores ordenados e os menores salários chega a existir uma diferença de cerca de dez vezes. Além disso, entre os tecnoburocratas há obviamente um escalonamento. A alta tecnoburocracia, principalmente, goza de uma série de privilégios, como automóveis oficiais, casas de campo. Estes privilégios não

são exagerados, quando comparados com os existentes nas sociedades capitalistas, e não correspondem ao modelo de uma sociedade tecnoburocrática, a qual, em princípio, seria fortemente hierarquizada. Em relação à média tecnoburocracia, pude verificar pessoalmente este fato. Mas as distinções de padrão de vida e de poder são suficientes para configurar uma diferença de classes. Talvez, como essas diferenças não são tão acentuadas, e, por outro lado, como a mobilidade social é grande, a denominação "camada" fosse mais adequada do que classe social, conforme sugeri em trabalho anterior.¹⁹ Entretanto, na medida em que, no âmbito das relações de produção existentes, os tecnoburocratas, e particularmente a alta tecnoburocracia, podem ser considerados os proprietários ou efetivos controladores da organização burocrática estatal e, portanto, dos meios de produção, podemos falar em pelo menos duas formas diferentes de inserção nas relações e produção e, portanto, em duas classes sociais. A relação de produção específica de modo estatal de produção deixa de ser o capital, que não mais existe, e passa a ser a organização. Organização é uma estrutura de produção hierárquica, administrada de cima para baixo por uma tecnoburocracia, que detém sua efetiva propriedade ou controle. Como a burguesia se define pela propriedade privada dos meios de produção, vale dizer pelo capital, a tecnoburocracia se caracteriza pela propriedade coletiva (mas não comum) da organização.

A leitura atenta do relatório do Presidente Hua Kuo-feng, na segunda seção da Quinta Assembléia Popular Nacional, deixa muito clara a existência das duas classes. A todo instante ele está fazendo recomendações, ora aos tecnoburocratas (ou, como os chineses preferem chamar, administradores ou intelectuais), ora aos trabalhadores. Por exemplo, afirma ele que "os senhores desta sociedade socialista são os operários, os camponeses e os intelectuais, assim como os outros patriotas que aprovam o socialismo."

Por outro lado, as contradições entre elas são reconhecidas, mas sistematicamente reduzidas ao mínimo. A luta de classes, que estava no centro da Revolução Cultural, é agora posta de lado. Nestes termos, con-

¹⁹ Ver Luiz C. Bresser Pereira. *Empresários e administradores no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1974. p. 91-103. O fato de a mobilidade social ser maior do que nos países capitalistas, entretanto, não impede que a maioria dos dirigentes políticos chineses tenha origem nas camadas médias. Ver Jacques Guillermez. "Sociologie du bureau politique du Parti communiste Chinois." *Pouvoir, Revue d'Etudes Constitutionnelles et Politiques*, 1977. n. 3, número especial sobre a China.

tinua o presidente chinês: "Existe ainda entre eles contradições diversas, mas elas não contêm nenhum conflito de interesses fundamental, pois a edificação e o desenvolvimento do socialismo representam seu interesse comum".²⁰

Aliás, seria difícil imaginar outro tipo de posição por parte de um governante. Nesse sentido, o discurso da classe dominante é sempre o mesmo, seja qual for a formação social. Segundo Hua Kuo-feng, sem dúvida, existem os

contra-revolucionários, os agentes secretos do inimigo, os delinqüentes de todo tipo que ameaçam a ordem pública socialista, e também os elementos degenerados e os novos exploradores que se entregam à malversação, ao roubo e à especulação; nessa linha persistem em sua posição reacionária certos elementos que pertenciam ao grupo dos quatro, um número ínfimo de proprietários de terra e de camponeses ricos mal reeducados.²¹

A existência desses elementos contra-revolucionários justifica ainda falar-se de luta de classe. Não as contradições entre tecnoburocratas e trabalhadores. Estes são chamadas de "contradições no seio do povo", que não podem ser confundidas com a luta de classes limitada à luta entre os "trabalhadores", ou seja o Estado chinês, e os "inimigos do povo".

Em relação à luta de classes, limitada a esta situação particular, continua o presidente chinês: "Primeiramente, é preciso admitir que a luta de classes não terminou, mas que não é mais nem necessário nem indicado conduzir a luta de classes sob a forma de vastos e impetuosos movimentos de massa".²² Já que a luta de classes só deve ser movida contra os "inimigos do povo", estas contradições devem ser resolvidas pelo método da "ditadura do proletariado". Em outras palavras, o Estado, através de seus aparelhos repressivos, se encarregará da luta de classes. A ordem prevalece sobre a revolução. A luta de classes, que era uma das bases da Revolução Cultural, é substituída por um sistema legal e policial repressivo. Em compensação, os abusos e violências que também marcaram a Revolução Cultural são controlados.

Quanto às contradições entre os tecnoburocratas e os trabalhadores manuais, que Hua Kuo-feng chama eufemisticamente de "contradições no seio do povo", estas devem ser resolvidas não através da luta de classes,

²⁰ *Op. cit.*, p. 16.

²¹ *Op. cit.*, p. 16.

mas pela crítica interna que garanta sempre a unidade do sistema. Em suas palavras:

nossas contradições com o inimigo devem ser reguladas pelo método da ditadura, enquanto as contradições no seio do povo devem ser resolvidas pelo método chamado da "unidade-crítica-unidade"; e tratem-se das primeiras ou das segundas, é preciso sempre se apoiar sobre as massas populares e observar rigorosamente a legalidade socialista.²³

Em síntese, a China depois de Mao está voltada para o desenvolvimento traduzido nas quatro modernizações, para a ordem, para a disciplina, para o trabalho árduo, para a legalidade, para a abertura democrática estritamente limitada à crítica interna. O comando pertence à tecnoburocracia, que deverá ser treinada nas técnicas mais modernas, e que terá sua autoridade e sua responsabilidade correspondentemente aumentadas. A Revolução Cultural está terminada. Ainda não chegou a hora para a sociedade sem classes. O socialismo continua um objetivo na China, mas é o estatismo o modo de produção dominante, e provavelmente o será por um longo tempo.

²² *Op. cit.*, p. 10.

²³ *Op. cit.*, p. 11.